

Buenos

Aires

deve

pagar

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

A Argentina está isolada em sua luta contra o Fundo Monetário Internacional (FMI), e o governo de Raúl Alfonsín já começou, com o discurso de anteontem, a manobrar internamente para conseguir a aprovação de uma lei salarial "à la brasileira". Hoje, os argentinos pagarão os US\$ 350 milhões aos bancos, o que será suficiente para liquidar todos os juros atrasados há mais de noventa dias e ganhar mais três meses de conversações.

Essas eram, no fim da tarde de ontem, as opiniões predominantes sobre a crise argentina, entre banqueiros, analistas de mercado e jornalistas especializados, em Nova York.

"Brasil, México, Colômbia e todos os outros países latino-americanos, com exceção talvez da Venezuela, não apóiam a posição radical de Alfonsín contra os programas de ajustamento propostos pelo FMI — disse ontem a este jornal um importante banqueiro, que falou sob a condição de não ser identificado.

"O que une os devedores é a intenção de forçar uma baixa de juros, através da politização da questão da dívida. Mas, em relação à mudança das regras do jogo no FMI, a unidade deixa de existir, até porque todos sabem que é inútil lutar nesse campo. As idéias do FMI são as idéias que dão certo nos países industrializados e estes têm maioria confortável no Fundo."

Outros banqueiros concordaram que o discurso de Alfonsín foi, acima de tudo, um apelo ao esfriamento de cabeças e que a atitude adotada pelo ministro da Economia, Bernardo Grinspun, durante sua última estada nos Estados Unidos (ele viajou de volta à Argentina anteontem à noite), revela um claro recuo em relação ao radicalismo exibido anteriormente.

(Continua na página 2)